

António das Neves Pereira, fonte de Tavares de Macedo

ANABELA LEAL DE BARROS
(Universidade do Minho)

Quando, algures na década de trinta do século passado¹, José Tavares de Macedo começou a redigir um *Ensaio sobre o Estudo Historico das Linguas*, parece tê-lo feito, como era moda, com os olhos postos nos autores clássicos, sobretudo latinos (com privilégio para Cícero e Quintiliano), e rodeado pelas obras dos autores franceses em voga na época, ou, pelo menos, na companhia das publicações da Academia Real das Ciências, com particular relevo para os oito volumes das *Memorias de Litteratura Portugueza*, incansável repositório da erudição setecentista, já de si assídua frequentadora da antiguidade clássica e das ideias veiculadas pelo contemporâneo academismo europeu.

Para avaliarmos até que ponto foram proveitosos para Macedo alguns dos trabalhos linguísticos e literários publicados nas *Memorias de Litteratura*, de 1792 a 1814, da autoria de Joaquim de Foyos, Joaquim José Ferreira Gordo, Antonio Pereira de Figueiredo, Antonio Ribeiro dos Santos, Francisco Dias, Antonio das Neves Pereira, Fr. João de Sousa e Antonio de Araujo de Azevedo, convirá, mais do que atentarmos nas referências directas que a alguns deles são feitas no *Ensaio sobre o Estudo Historico das Linguas*, confrontarmos com esta obra as referidas memórias.

De entre os autores citados, aquele cujos escritos tiveram maior fortuna junto de Tavares de Macedo poderá ter sido o P.^o Antonio das Neves Pereira.

Presbítero secular, membro da Congregação do Oratório desde 1793, professor de Retórica e Poética, sócio da Academia Real das Ciências, esse "Illustre Litterato", nas palavras de Tavares de Macedo², viria a merecer de Leite Vasconcellos a seguinte nota elogiosa: "Neves Pereira era talvez o philologo mais intelligente d'este periodo, como o provão os seus escritos publicados nals] *Mem. de Litt.*, vol. IV e V"³.

Além dos dois extensos trabalhos referidos por Leite Vasconcelos, e intitulados, respectivamente, "Ensaio sobre a Philologia portuguesa por meio do exame e comparação da locução e estylo dos nossos mais insignes poetas que florece-

ram no século XVI⁴ e “Ensaio Crítico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos mais insignes escriptores dos séculos XV e XVI, e deixaram esquecer os que se seguiram até ao presente”⁵, deixou, entre outras obras, uma intitulada *Mechanica das palavras em ordem á harmonia do discurso eloquente, tanto em prosa, como em verso*⁶, citada por Tavares de Macedo, bem como uma *Gramática Filosófica* e importantes subsídios para o *Dicionário da Academia das Ciências*.

Nas quase setecentas páginas que perfazem os três primeiros trabalhos citados, que passarei a designar por *Ensaio sobre a Filologia Portuguesa, Exame Crítico e Mechanica das palavras*, Neves Pereira percorre, num estilo inspirado e eloquente, a panóplia dos temas caros à época, revelando nos seus comentários uma erudição ampla, judiciosa e reflectida. Todavia, mais que a finura do estilo, surpreende-nos muitas vezes a profundidade dos seus juízos e a actualidade das suas afirmações.

Assim, a propósito dos géneros literários, afirma o autor, no *Ensaio sobre a Filologia Portuguesa*:

A Tragedia [...] he o jogo das paixões d’alma. Não ha huma só, que não tenha sua fôrma particular de locução; mas he cousa summamente difficultosa analysallas, e distinguir os principios elementares, de que ellas se compoem. Seria preciso estudallas no coração humano; mas elle he hum labyrintho intrincadissimo de infinitas veredas, e innumeraveis escondrijos, e he para admirar, que não ha coisa mais escondida, e encuberta e ignorada do homem como o coração do homem. Com tudo os Poetas tem trabalhado em nos representar as paixões humanas nas suas obras, com mais profundidade do que os Filósofos analysando-as nas suas seccas dissertações (*Op. cit.*, 15-16).

Essa distinção entre Poetas e Filósofos estabelece-a em simples mas expressivas e sagazes palavras:

Não ha differença entre o Filósofo e o Poeta, senão que aquelle contempla a Natureza para a conhecer, este para a imitar; hum a pertende explicar, outro pintar.

O Filósofo morosamente hirá analysando o som, e a luz, em quanto o poeta rapidamente em trez linhas fará ouvir á nossa alma a explosão dos trovões. [...] O Filósofo demonstrará como o angulo da incidencia da luz he igual ao angulo da sua reflexão, mas o poeta vê, e pinta como vê (*Ibidem*, 10⁷).

Se Pessoa tivesse lido Neves Pereira, facilmente imputaríamos a este responsabilidades na criação de Alberto Caeiro, após considerarmos passagens como a anterior, ou então a que segue, referente à poesia pastoril:

O que particularmente caracteriza este genero de Poesia, he, que os Pastores nos seus discursos não analysão as suas idéas, nem as compoem, toda a sua frase pela maior parte consta de imagens, e sentimentos de animo. O seu pensar he pouco, e só quanto basta para homens bem organizados, isto he, para homens de perfeito juizo naquelle genero de vida, mas não de juizo cultivado e apurado, nem habituado a reflectir, e profundar as cousas. Do uso dos sentidos, mais que da reflexão, lhes nasce o que dizem, elles são os que lhes dictão as palavras; [...] Tal he a linguagem da natureza, pobre de vocabulos, abundante de imagens; e tal he a que convem neste genero de Poesia (*Ibidem*, 14-15).

Já neste final do século XVIII Neves Pereira defende a libertação da poesia das grilhetas da rima, a que chama a “frivola chocalhada dos consoantes”, e a sua substituição por uma “harmonia solida e genuina”:

...se os Filólogos de todas as nações geralmente se conspirassem para libertar a Poesia do tyrânico uso das Rimas, e os Poetas uniformemente o abandonassem, poderia então a prosa fazellas servir á harmonia, e teríamos mais esta vantagem na Eloquencia, e menos um grande cativoiro na Poesia (*Mechanica das palavras...*, 26).

O actualmente tão banalizado reconhecimento da arbitrariedade do signo linguístico é por Neves Pereira traduzido com grande clareza e simplicidade:

As palavras consideradas em si mesmas não significão nada, nem tem relação alguma natural com as idéas de que são sinaes; toda a sua força significativa lhe vem do instituto, ou arbitrio dos homens. Assim este vocabulo Sol seria tão indifferente de si mesmo para significar uma pedra, ou hum carvão, como para significar o Planeta que allumia o Universo, se os homens o não tivessem determinadamente destinado para significar tal objecto (*Ibidem*, 79-80).

A propósito do uso nas línguas, apresenta este comentário, precioso pela sua actualidade, numa antecipação de democráticas perspectivas sociolinguísticas:

O Uso, que se respeita nas Línguas, como Legislador, não he o estylo de fallar, que ordinariamente se pratica nas Côrtes. [...] Para examinar esta verdade de facto mais exactamente, devemos distinguir Côrtes, onde se faz estudo da Língua materna, e Côrtes onde como em toda a parte, se segue o uso tal qual, presumindo contudo cada qual, que falla melhor, que os das Provincias, porque falla na Corte. [...] O que regularmente he bom, e incorrupto he o que se lê nos Authores, e o que se escreve conforme os Authores de boa nota: ora esta linguagem dos bons escritos não nasceo toda na Côte, nasceo onde os authores escrevêrão, e com as obras passou a differentes paizes do Reino: do que se segue [...] que os que na Côte escrevem, e fallão bem a Língua, escrevem, e fallão como os polidos das Provincias, e estes como os da Côte. [...] Que em Lisboa se chama *Viga*, o que no Minho, ou na Beira se denomina *caibro*, ou *barrote*: que n'uma parte se diga *bilha*; o que nas outras se chama *Cantaro*, não prova, que huns tenham melhor, nem peor lingua ("Ensaio Critico...", 360-361).

Entre *O Ensaio sobre o Estudo Historico das Línguas* e as três obras citadas de Neves Pereira muitas semelhanças temáticas e textuais nos autorizam a reconhecer o importante papel que na escrita de Macedo detém a imitação, processo criativo aliás legitimado e louvado pelo próprio Neves Pereira, a propósito, por exemplo, do excelente uso que dele fizera Antonio Ferreira:

Vejão os Espiritos affeiçãoados ou preocupados da idéa de composições originaes, e que fazem timbre de desprezar toda a imitação dos antigos, se imitadores taes como Ferreira poderião com sua licença caber no Parnasso. ...as Musas Portuguezas não se envergonhão das boas imitações dos engenhos raros ("Ensaio sobre a Filologia Portugueza...", 28-29).

Na obra de Tavares de Macedo abundam termos e conceitos como os de aperfeiçoamento e decadência das línguas, génio da língua, abundância, clareza, pureza, propriedade, variedade, harmonia, analogia, línguas primitivas e derivadas, autoridade dos Mestres da Língua, e ainda as referências tão na moda às línguas exóticas, às diferenças fonéticas entre línguas, à sua dureza ou suavidade, bem como a condenação do excessivo uso de galicismos e latinismos. Todos estes assuntos e conceitos são também tratados por Neves Pereira, mas neste de forma mais completa, evitando-se algum radicalismo que no *Ensaio sobre o Estudo Historico das Línguas* resulta do facto de os assuntos serem muito sucintamente abordados, partindo de sínteses de obras consultadas e nem sempre referidas.

Vejamos apenas alguns pontos de contacto entre essas obras:

1. A propósito da perfeição das línguas, e da rudeza dos seus tempos primitivos, afirma Tavares de Macedo o seguinte:

Todas as Línguas é verdade são pobres no seu principio e a nossa Portuguesa não era ainda mui rica nos tempos de Fernão Lopes quando só havia a palavra *afficamento* para exprimir *actividade, efficacia, instancia, teima, obstinação* [...] Já a Língua Latina era mui bella no Dialogo familiar [...], ja era mui bella e abundante nas frases da guerra e da Politica [...] e ainda era tão pobre de termos philosophicos e tão pouco determinada a sua propriedade que o mesmo Cicero sente difficuldade em exprimir muitas ideas e recorre algumas vezes aos termos Gregos.

Estas afirmações, assim codificadas numa primeira redacção, sofrerão posteriormente certa alteração de lugar e de texto que as afastará das fontes de que são devedoras.⁷ Não será difícil, todavia, identificar a temática, o exemplo do *afficamento* e a própria opinião acerca da escrita incipiente de Fernão Lopes num artigo também publicado nas *Memorias de Litteratura* por Francisco Dias Gomes, no qual este faz o estudo da "elocução e estilo" de alguns dos nossos escritores⁸.

Provavelmente, também não será descabido descortinar a filiação da oração inicial em Neves Pereira, que glosara em vários pontos da sua obra o tema da imperfeição original de todas as línguas:

..em nenhuma nação se formáram as Lingoas por deliberação publica, nem os homens botarão pregão, para que todos a hora dada, dia fixo, e lugar decretado se achassem juntos para se fazer publica, e solemne instituição dos vocabulos [...]; por isso quando se diz que as vozes são dependentes da convenção dos homens, isto se entende de huma convenção sucessiva, com que os vocabulos pouco a pouco se fóram transmittindo de huns a outros, e segundo o tempo, as occasiões, as circunstancias, o gosto, a necessidade, os conhecimentos dos povos, assim se fóram augmentando as Lingoas sempre pobres no seu principio ("Ensaio Critico...", 369).

As judiciosas conclusões do autor costumam ser devidamente alicerçadas nas obras que cita em nota de rodapé, com grande preferência pelos autores latinos e pelos linguistas e filósofos franceses em voga, os quais, de qualquer modo, tinham as suas ideias repetidas em todas as obras da época. Neste caso, baseara-se no *Essai* de Condillac. Noutra passo, a propósito da mesma torpeza inicial das línguas e das literaturas, apoia-se em Quintiliano, para depois, por sua vez, servir de apoio a Tavares de Macedo:

Verdade he, que em quanto a linguagem dos povos era rude e grosseira, tambem a Poesia devia de ser informe...

Em Macedo podemos surpreender o mesmo pensamento na seguinte nota sobre a abundância, deixada incompleta, e editada em anexo ao *Ensaio*: "O seguinte período de Fernão Lopes mostra o atrazo em que naquelle tempo estava a Língua Portuguesa pois um homem de tão bom senso escrevia assim:÷" (*Op. cit.*, fl. 94r (p. 64)). Esta afirmação, devedora de Francisco Dias, é confirmada por outra com a mesma não declarada proveniência: "não era possível que em tempos de tanta ignorância, e em que os escritos na Língua vulgar erão tão rãros, fosse a Língua mui perfeita" (*Ibidem*, fl. 189r (p. 44)). Com efeito, Francisco Dias, antes de referir o exemplo de Fernão Lopes, afirmara o seguinte: "A obscuridade daquelles tempos, a raridade de livros, que o prelo, então de novo

inventado, inda não fazia communs, a ignorancia em fim retardavão o progresso das luzes, e não deixavam aperfeiçoar o Idioma”.

Este aperfeiçoamento dialéctico da língua e da literatura de um povo, muito glosado por Macedo⁹, encontrava-se já explicado na obra de Neves Pereira; por um lado, “...esse pequeno esforço dos Poetas, e as suas rudes producções promovião insensivelmente o progresso das linguas”, por outro, “as mesmas linguas, deixando pouco a pouco a sua primitiva rudeza, e grosseria, hião contribuindo á perfeição da Poesia” (“Ensaio sobre a Filologia Portugueza...”, 2.). Todavia, esta ideia havia sido amplamente veiculada pelos académicos setecentistas, pelo que não causará estranheza irmos encontrá-la muito desenvolvida no mencionado ensaio de Dias Gomes.

Ao referir-se à primitiva imperfeição do latim, Tavares de Macedo tinha provavelmente bem presentes as palavras de Neves Pereira quando este atribui também à língua latina, em numerosos passos da sua obra, um início pobre e grosseiro, objecto de posterior aperfeiçoamento ao longo dos séculos, por obra quer das “modas vagas que induz o caprixo do uso vulgar”, quer das “racionaveis correccões, que estabelecem os homens doutos”:

...a Lingoa Latina que antigamente era assaz rude, e pobre, em menos de cincoenta annos chegou aos termos de poder disputar todas as bellezas da Eloquencia, e Poesia da lingua Grega, no seculo de Augusto (*Ensaio Critico*, 366).

2. A propósito da abundância nas línguas, esclarece Tavares de Macedo:

A primeira condição de uma boa Lingua é a abundancia, isto é, um numero de palavras correspondente ao numero das ideias. Porque sendo as palavras para representar e exprimir as ideias, seria viciosa e imperfeita a Lingua que nos não permitisse exprimir qualquer ideia ou concepção. E assim como ha diferentes especies de ideias, tambem deve haver diferentes especies de palavras.¹⁰

No *Ensaio Critico* de Neves Pereira, o tratamento da mesma questão só difere pela sua maior especificidade:

...a maior excellencia de uma Lingoa está em ministrar expressões proprias para as idéias, para as varias modificações das mesmas idéias, e seus grãos característicos; isto he, em ministrar termos simples, que correspondão ás idéias simples; termos complexos equivalentes as idéias complexas; termos, que exprimão a percepção do entendimento, e sentimento da vontade para idéias, que são mistas de percepção, e de sentimento; termos, que exprimão sentimento, e imagem para as idéias, que são mistas de sentimento, e imagem &c (*Ensaio Critico*, 416-417).

3. No que diz respeito à variedade de palavras numa língua para referir uma mesma coisa ou ideia, escreve José Tavares de Macedo:

Se sempre encarassemos os objectos pelo mesmo modo, uma só palavra bastaria para exprimir os objectos ou ideias semelhantes; mas succede que objectos semelhantes tem tal variação que he necessario não os confundir [...] tem os Japonezes diferentes palavras, com que significão uma mesma coisa, conforme fallão a superior ou inferior, em tom de graça ou sisudo; a velhos ou a moços; ou as mulheres aos homens. [...] Ate certo ponto a nossa Lingua (e outras muitas) se assemelha ao Japonez na escolha que fazemos das frases chulas e serias, dos termos poeticos e de proza... (*Ensaio*, fls. 86v e 87v (pp. 16-17)).

Macedo justifica ainda a variedade nas línguas pela necessidade de se atender a matices de significação e de se escolher uma denominação diferente consoante o uso ou as circunstâncias:

Ora de que um objecto unico tenha varias denominações não se segue que seja indifferente o uso das expressões, ainda das que menos parecem differir. porque a pratica das Linguas, nesta parte conforme com a boa razão, só costuma admittir muitas expressões para ligar a cada-uma sua significação mais particular, onde ha alguma consideração mais em vista do que nas outras. Devemos pois para fallar bem uma Lingua estudar as diferentes expressões e applicar em cada occasião aquella que mais accomodada for nas circunstancias em que se usa (*Ibidem.*, fl 88v (p. 19)).

No século anterior, Neves Pereira referira-se em termos bem concretos e expressivos a essa mesma questão:

A verdade he, que n'uma Lingoa deve haver palavras de diversas ordens, comicas, burlescas, graves, serias, floridas, magistas, em fim conformes á materia, ao lugar, á occasião, á situação do animo do que falla [cita Horácio]. Huma Lingoa toda de palavras sezudas, e toda seria, mais propria seria para os Monges da Cartuxa, do que para o exercilcio quotidiano da vida particular, e commercio da vida civil ("Ensaio Critico...", 399).

Todavia, neste caso, as semelhanças vão mais longe; no seu *Ensaio sobre a Filologia Portuguesa*, falando a propósito do poder que o capricho da moda exerce sobre os vocábulos das línguas, já Pereira havia apresentado o bom exemplo da língua japonesa, que tanto parece ter agradado a Macedo. Sendo considerável a variedade na língua japonesa, seria impraticável substituir constantemente as palavras, como acontece, segundo Neves Pereira, no caso do Português, que se empobrece pelo esquecimento dos termos antigos e pela "mendicante" adopção dos estrangeiros:

Huma notavel singularidade, que se refere dos povos do Japão, he que constando o seu vasto Imperio de sessenta e seis reinos, e fallando-se em todos elles huma só, e a mesma lingua, esta com tudo he tão variada em estylo, e expressões, que as que servem nas praticas serias e graves são humas; outras as que empregão nos discursos jocosos, ou conversações de passatempo; outras para fallar com os velhos e anciãos; outras para tratar com os moços; outras finalmente de que usão as mulheres, porque a estas não he decente fallar como os homens, declarando as mesmas cousas pelos mesmos termos de que elles usão ("Ensaio sobre a Filologia Portuguesa...", 46).

Porém, o certo é que em todo este processo de criação e expressão de ideias descobrimos o dedo, à data legítimo, da imitação: o exemplo dos japoneses, por ambos adoptado em séculos diferentes, mas somente em Macedo com indicações de proveniência (*Op. cit.*, fl. 87r (p. 17), fora tomado de empréstimo ao P.^o João de Lucena, que em 1600 o apresentara na sua mais conhecida obra, *a História da Vida do Padre Francisco Xavier*¹¹.

4. A fim de demonstrar até que ponto a clareza depende da abundância de termos numa língua e da sua aplicação com propriedade, Tavares de Macedo socorre-se de um exemplo apresentado por Neves Pereira com o mesmíssimo propósito. Afirma o primeiro:

Um resultado mui bello e muito interessante da propriedade das expressões é que o homem que sabe usar dos termos nas suas proprias e devidas acepções, despertando sempre as ideas debaixo do aspecto mais proprio e conveniente á materia, que trata, falla com um gráo de clareza tal, que os que não advertem a cauza, julgão ouvir uma Linguagem inspirada.

Porém se a Lingua não é abundante em termos, applicando o mesmo nome a objectos diferentes, em vão tentamos exprimir-nos com perfeita clareza. Nós temos *molle*, *brando*, *macio*; os Latinos exprimem estas trez ideas pela palavra *mollis*, e assim lhes somos superiores (*Ensaio*, fl. 89v (pp. 20-21)).

O exemplo escolhido por Macedo apresenta-o Neves Pereira no *Exame Critico...*, bem acessível à vista, por ser o primeiro de uma lista de palavras que atestam a maior abundância e variedade de termos da língua portuguesa relativamente à latina:

Nos Dictionarios se vê, e na lição dos Authores se observa, que por falta de termos particulares os latinos extendião, e ampliavão o uso dos poucos termos, que tinham para exprimir distinctamente certas idéias; [...] Por isso com razão se tem julgado, que a Língua Latina era menos própria para a analyse das idéias, do que para a lingoagem da imaginação, a qual se contenta com a mistura, ou combinação das idéias principaes com as accessorias, que lhe offerece a analogia. A Língua Portuguesa tem a primeira ventagem, sem excluir a segunda. Por exemplo, nós distinguimos *molle, brando, macio*, e em Latim tudo se diz pelo termo *mollis* ("Ensaio Critico...", p. 420).

5. Se, no que concerne às condições ideológicas da perfeição das línguas, os pontos de vista e a própria linguagem de Macedo revelam muita afinidade com os de Neves Pereira, como atrás se procurou comprovar, do capítulo seguinte do *Ensaio sobre o estudo Historico das Linguas*, respeitante às condições mecânicas dessa perfeição, bem se pode afirmar que nada é alheio à obra do académico setecentista. De facto, na sua *Mechanica das palavras...*, Pereira considera, exaustiva e paulatinamente, todos os aspectos relativos ao assunto em causa. No entanto, quando Macedo, excepcionalmente, cita essa obra, concluindo ser escusado prolongar as suas cogitações, uma vez que já aí o "Illustre Litterato" mostrara a existência da harmonia na nossa língua e lhe fixara as regras, não considera necessário revelar-nos que praticamente todas as suas afirmações relativas às condições mecânicas, e até mesmo uma citação de Cícero, haviam sido herdadas desse trabalho de Neves Pereira.

Tendo algumas dessas semelhanças sido já por mim incluídas nas Anotações à edição do *Ensaio* de Neves Pereira¹², limitar-me-ei a recordar o aproveitamento da citação de Cícero. Assim, tratando da harmonia, refere Macedo:

Os antigos Gregos e Romanos, que levarão a eloquencia a um gráo de perfeição, que as Linguas e mais circunstancias dos povos modernos não permittem igualar, applicarão-se com muito cuidado a dar aos seus discursos uma harmonia, que elles observavão produzir viziveis effeitos no espirito dos seus ouvintes [*Conciones saepe exclamare vidi, cum verba apte cecidissent. Cic., Orat., n. 158*]. Os oradores modernos, provavelmente pela differença dos objectos dos seus discursos, pela maior parte não cuidarão muito d'este objecto (*Ensaio*, fl. 162v (26)).

Da leitura da *Mechanica das palavras* podemos depreender não ter Macedo consultado Cícero, ainda que haja, em compensação, dedicado longo tempo à leitura e aproveitamento dessa obra de Neves Pereira para a redacção do seu ambicioso *Ensaio*:

E uma prova mais convincente de que este gosto [o da harmonia] he natural a todos, he o ser commum tanto ao sabio, como ao ignorante: com esta unica differença, que hum conhece a razão do que deleita, outro julga sómente pela sensação organica, ou para melhor dizer, pela impressão que sente do deleite.

E daqui vem o dizer o Orador Romano, que não podia entender, como era possivel que qualquer sujeito tivesse ouvidos humanos, ou ser homem, e fosse insensivel ao numero, e harmonia do discurso, quando via que todo o povo com publicos applausos mostrava o seu contentamento de ouvir a cadencia numerosa de seus periodos: *Conciones saepe exclamare vidi, cum verba apte cecidissent* (Cic. Orat. N. 158) (*Mechanica das palavras...*, 7).

No que toca à fonética das línguas e à sua harmonia e suavidade, defende Tavares de Macedo:

Não consiste a suavidade, como talvez se imaginaria, em que todas as palavras tenham uma certa moleza, se assim nos é licito expressar: mas sim em que as palavras sejam taes que nem cansem excessivamente a quem falla, nem sejam desagradaveis ou difficeis de perceber ao ouvido de quem attende (*Ensaio*, fl. 161r (p. 24)).

Não basta porem para a suavidade e harmonia do discurso que cada uma das palavras considerada de per si satisfaça ás condições, que ja temos apontado: antes ate certo ponto é necessario que as palavras não sejam todas modeladas na mesma ordem de inflexões oraes, alias a repetição dos mesmos movimentos cançará e embaraçará a quem fallar, e um certo zum zum continuado enjoará os ouvidos atentos.

Logo as Línguas devem compor-se de palavras umas mais, outras menos asperas, porque da sua combinação nasce a facilidade da pronuncia, e o prazer do ouvido... (*Ibidem*, fl. 163v (p. 27)).

Essas passagens são devedoras destas, entre outras, de Neves Pereira:

He (diz Condillac) (b) necessario, que huma Lingoa tenha sons doces, menos doces, e ainda duros, e finalmente sons de todas as especies.

Não seria a mais bem disposta para a Eloquencia huma lingua, que só constasse de sons suaves, nem aquella que só tivesse sons asperos: huma seria toda molle e inerte; outra toda rude e agreste. A mais favoravel será sem duvida aquella que tiver tal variedade de sons, e articulações com que se possam com propriedade sinalar os varios caracteres das idéas, e dos sentimentos d'alma (*Mechanica das palavras...*, 79).

...tudo o que temos dito dos sons e das palavras consideradas separadamente, o mesmo se entende das palavras juntas, e unidas num contexto, formando versos ou periodos. Por quanto assim como os objectos dos nossos discursos existem no nosso animo ligados entre si com hum certo caracter de conformidade, ou opposição, conforme as suas diferentes faces; assim tambem as frases que representam as idéas desses objectos, devem revestir-se do mesmo caracter, e de todas juntas resultará hum contexto ora suave, ora aspero, mas sempre harmonico, conforme as diversas situações dos objectos (*Ibidem*, 92).

Macedo refere-se, ainda na secção concernente às condições mecânicas, à natural eliminação das combinações de sons difíceis de pronunciar em português, com vista à suavidade e harmonia da língua:

Ha igualmente certas combinações de consoantes, umas impossiveis de pronunciar sem se lhe pôr de permeio alguma vogal: outras de tal sorte difficultozas, que absolutamente as rejeitamos. O *c* antes de *t* é de tal sorte desagradavel aos nossos Portuguezes, que na introducção de palavras Latinas na Lingua Portugueza umas vezes mudamos o *c* em *i*; assim de *Pectus*, *Peito*, de *Respectus*, *Respeito*: outras supprimimos inteiramente o *c*; por isso de *Actus* dizemos *Ato*, posto que escrevamos *Acto*. O mesmo acontece ao *p* antes de *c*; por isso de *Conceptio* fizemos *Conceição*; de *Correptio*, *Correição*, e noutro sentido *Correcção* (*Ensaio*, fl. 162r (p. 25)).

Essa mesma questão é largamente tratada, com abundância de exemplos, por Neves Pereira, que afirma, por exemplo, o seguinte:

A nossa Lingoa he por seu proprio caracter harmoniosa, e por isso naturalmente inimiga da complicação das articulações, principalmente daquellas, que o orgão, segundo a disposição nacional, não póde executar sem trabalho, e violencia na pronunciação. Por isso de *Asthma* se formou asma, de *Flegma* tomamos fleuma; por isso algarismo nos he mais corrente que *algarithmo*, *arismetica* do que *arithmetica*. &c.

Daqui vem o cuidado, que os antigos tinham de conciliar maior doçura ás dicções por meio dos dithongos, convertendo em vogal a consoante immediata á vogal precedente, dizendo: *Aução* por *acção*, *Contracto* por *contracto*, *Cautivo* por *captivo*, e outros... ("Ensaio Critico...", 385).

Para comprovar como pode uma língua já perfeita sofrer alterações sem todavia se corromper, Macedo aduz o seguinte:

Os antigos dizião *Fruita*, *Frauta*, *Giolhos*, *Frol*, nós hoje dizemos *Frutu*, *Flauta*, *Joelhos*, *Flor*, e fallamos tão bem como elles; porque não ha notavel vantagem nem inconveniente nem n'uns, nem noutros (*Ensaio*, fl. 115v (p. 46)).

A propósito do mesmo, e mais particularmente do uso, concluiu Neves Pereira:

Não ha na Lingoa Portugueza systema, ou opinião cujo partido prevaleça contra o legitimo Uso, e o mesmo acontece nas outras Lingoas. Hum diz *Fruita*, he Sebastianista; outro diz *Fructa*, he latino; outro diz *Fruta*, este falla com o tempo, segue o Uso geral, falla Portuguez, e prova que tem juizo ("Ensaio Critico...", 358).

As passagens relativas à aspereza das línguas do norte, ao génio da língua, às causas da sua corrupção e restauração, ao afrancesamento e latinização inúteis do Português, bem como às suas causas e consequências, à relação fraternal entre a perfeição das línguas e o estado ideológico, literário e civilizacional da nação, à importância dos bons modelos para o aperfeiçoamento das línguas, todas haviam sido largamente tratadas na obra de Neves Pereira, com humor, profundidade, actualidade e eloquência, e geralmente com referências aos autores na obra dos quais baseia as suas opiniões, tal como se verifica na citação seguinte, em que justifica essa mesma necessidade de seguir os bons autores:

Como adverte o grande Condillac (a), assim como se não podem estabelecer boas regras na Arte de Discorrer sem se examinarem as obras de Raciocinio bem feitas; assim não se podem formar boas Grammaticas para as linguas, sem se examinarem, e compararem os bons Authores, que tem escrito em prosa, e em verso ("Ensaio sobre a Filologia Portugueza...", 21-22).

Eventualmente, a leitura deste mesmo parágrafo terá encorajado Tavares de Macedo, no século passado, a converter-se em seguidor fiel, ainda que nem sempre declarado, das próprias ideias do P.^o António das Neves Pereira.

Até mesmo o respeitante aos ataques desferidos por Macedo ao pedantismo etimológico e à inexactidão das opiniões linguísticas do "Caturra" pode ser irmanado com as constantes críticas e referências chocarreiras que faz Neves Pereira a um estudioso da língua portuguesa a seu ver não menos "caturra", o Madureira, com quem entra por vezes até em jocoso e desafiador "monólogo", aproveitando cada página para refutar com saborosa ironia os seus "caprixos" linguísticos.

Assim, e ainda que a incompatibilidade entre a natureza breve deste trabalho e a abundância e dispersão das semelhanças me impeça de apresentar outros testemunhos da flagrante filiação entre os escritos de Macedo e a obra de Neves Pereira, creio poder concluir que este segundo autor constituiu para o primeiro, não apenas uma fonte, mas um generoso e revitalizante "fontanário"! No entanto, o verdadeiro manancial para ambos os autores foi, conforme deixa apenas adivinhar o carácter labiríntico deste tipo de pesquisa de fontes e influências, a obra filosófica e linguística de autores nacionais e estrangeiros em voga na época, quer clássicos quer contemporâneos, de acordo com as boas regras da imitação.

NOTAS

- ¹ José Tavares de Macedo, *Obras Inéditas: Ensaio sobre o Estudo Historico das Línguas e Elementos de Grammatica Portugueza*, Edição de Ivo Castro. Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 1996. *Vd.*, a respeito da datação da obra, a introdução.
- ² *Ibidem*, p. 27 (fl. 162v).
- ³ *A Philologia Portuguesa*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1888, p. 44.
- ⁴ António das Neves Pereira, "Ensaio sobre a Filologia Portugueza por meio do Exame e Comparação da locução e estilo dos nossos mais insignes Poetas, que florecêrão no seculo XVI", *Memorias de Litteratura Portugueza*, Vol. V, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1793, pp. 1-151.
- ⁵ *Id.*, "Ensaio Critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos mais insignes escriptores dos seculos XV e XVI, e deixaram esquecer os que se seguiram até ao presente", *Memorias de Litteratura Portugueza*, Vols. IV e V, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1793, pp. 339-466 (IV) e 152-252 (V).
- ⁶ *Id.*, *Mechanica das Palavras em ordem á Harmonia do Discurso Eloquente, Tanto em Prosa, como em Verso*. Regia Officina Typografica, Lisboa, 1787.
- ⁷ Esta passagem do capítulo II, parte I, correspondente à versão b, fl. 79, surge na versão d em lugar diferente e com a seguinte alteração do texto: "Com tudo nem sempre as Línguas principalmente nos seos principios, offerecem a propriedade que tanto desejamos...". *Op. cit.*, fls. 88v-89r (p. 19).
- ⁸ Francisco Dias, "Analyse, E combinações filosoficas sobre a elocução, e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões, segundo o espirito do sabio Programma da Academia das Sciencias, publicado em 17 de Janeiro de 1790", *Memorias de Literatura*, T. IV, pp. 26-305. A passagem do trabalho de Dias Gomes aqui referida, bem como outras que foram aproveitadas por Tavares de Macedo, foram já por mim apresentadas nas anotações à obra de Macedo. *Op. cit.*, pp. 131-133.
- ⁹ Ver, por exemplo, os fls. 88v e 89r (p. 19), onde Macedo justifica a torpeza da escrita de Fernão Lopes com a parca variedade da língua portuguesa, explicável pela sua incipiência, e ainda os fls. 131v e 132r (p. 55), nos quais considera o aperfeiçoamento da língua como obra dos grandes autores e dos engenhos ilustres: "é necessário não nos esquecermos que a perfeição de uma Língua não pôde existir sem ser precedida por grandes talentos, que a aperfeiçoassem nos seos varios estilos de poesia e de proza".
- ¹⁰ *Op. cit.*, fl. 86v (p. 15). Na versão β, anterior a esta citada, e correspondente ao fl. 79v (*op. cit.*, p. 16), o texto apresenta semelhanças mais evidentes com o de Neves Pereira: "Não bastam só palavras que exprimão ideas sensiveis, são tambem necessarias palavras para ideas abstractas".
- ¹¹ A referida passagem da obra do P. Lucena encontra-se citada por Manuela Florêncio nas anotações à obra de Tavares de Macedo. *Obras Inéditas*, pp. 129-131.
- ¹² *Op. cit.*, pp. 138-140, no que concerne a semelhanças identificadas na *Mechanica das Palavras...*, e pp. 143-145, no respeitante a passagens do "Ensaio Critico...".